

# Cultura

**Bienal de Arquitectura de Veneza**

## Souto de Moura e Ângelo de Sousa espelham gôndolas e palácios

Participação portuguesa é um jogo de espelhos

**Alexandra Prado Coelho**

● Estamos numa sala rodeados de espelhos e há um homem que tenta explicar, desenhando num quadro, que quando olhamos ao espelho não nos vemos exactamente como os outros nos vêem - imaginem que têm um risco no cabelo do lado esquerdo, o que o espelho vos mostra é uma pessoa muito semelhante mas com um risco do lado direito.

O local é a Sala dos Espelhos do Palácio Foz, em Lisboa, o homem que desenha é o artista plástico Ângelo de Sousa, e estamos ali para a conferência de imprensa da representação portuguesa na 11ª Bienal de Arquitectura de Veneza, que começa no próximo dia 14 e se prolonga até 23 de Novembro.

E falamos de espelhos porquê? Porque é em torno deles que os dois representantes portugueses, Ângelo de Sousa e o arquitecto Eduardo Souto de Moura, estruturaram o seu projecto, com curadoria do filósofo José Gil e do arquitecto Joaquim Moreno. Chama-se *Cá Fora: Arquitectura Desassossegada*, tem um custo calculado de 400 mil euros, e nos últimos tempos lançou o artista, os arquitectos e o filósofo num desassossegado criativo.

Os quatro homens partilham agora a mesa com o Director-Geral das Artes, Jorge Barreto Xavier, e tentam explicar como chegaram ao que se vai ver em Veneza: um edifício, a *Fondaco Marcello*, antigo armazém que é o Pavilhão de Portugal na Bienal, quase

escondido por enormes espelhos, que reflectem o Grande Canal e as gôndolas que por ali passam. Um edifício no interior do qual caímos num jogo de espelhos, colocados em ângulos de 90 graus, que nos devolvem a nossa imagem tal como os outros nos vêem, e não como nós a vemos (é o tal problema da risca no cabelo do lado esquerdo ou direito da cabeça).

**Para lá do edifício**

O trabalho para chegar ao conceito começou com José Gil e Joaquim Moreno, que partiram da proposta do director artístico da Bienal, o norte-americano Aaron Betsky, para "pensar a arquitectura para além do edifício" - esse é, aliás, o título da Bienal, *Lá Fora: Arquitectura para lá do edificado*. Uma coisa era clara, diz Moreno: não se pedia aqui uma exposição clássica, para mostrar obras. O

objectivo era muito mais "encenar uma experiência"

Os dois curadores lançaram-se numa troca de correio que os levou a uma conclusão: "Vamos pensar numa maneira de fazer entrar o movimento de fora na arquitectura." Até porque, explicam num texto de apresentação: "Este desassossegado, este contínuo movimento entre o dentro e o fora, é fundamental para pensar os falhanços e os êxitos da arquitectura portuguesa. Sempre que se parou ou capturou esse movimento, a singularidade portuguesa abortou."

José Gil entusiasma-se na explicação da ideia. Trata-se, diz, de "introduzir o infinito no dentro", chegar "a um dentro que integrasse um fora" e assim se expandisse, criando uma "impermanência permanente".

**Uma coisa era clara, diz Joaquim Moreno, um dos curadores: não se pedia aqui uma exposição clássica, para mostrar obras**

Quando o produto das reflexões de Gil e Moreno chegou a Souto de Moura e Ângelo de Sousa transformou-se - num processo de que o artista já não se lembra muito bem mas que o arquitecto garante que passou por muitas conversas, "mesas de café, guardanapos, telefonemas" - numa ideia: o espelho.

Há, portanto, um edifício, o da *Fondaco Marcello*, que desaparece, que se torna uma ausência, mas Souto de Moura garante que este projecto não é uma espécie de antiarquitectura. "Pelo contrário", diz, com uma gargalhada. Na sua perspectiva, os espelhos não tapam um edifício (ou melhor, tampam, mas o antigo armazém não é propriamente uma obra de arquitectura). "O que eles fazem é reflectir os palácios do outro lado do canal. É arquitectura virtual."



A obra tapa o edifício do Pavilhão de Portugal

## Conversa entre arquitectos

*Cá Fora: Arquitectura Desassossegada* representa Portugal na 11ª Bienal Internacional de Arquitectura de Veneza. Um filósofo e um arquitecto - José Gil e Joaquim Moreno - elegeram Eduardo Souto de Moura, também arquitecto, que trouxe consigo um artista plástico, Ângelo de Sousa. A chamada transdisciplinaridade entre áreas - afins ou não - tem sido a marca da Direcção-Geral das Artes em iniciativas anteriores. Supostamente as disciplinas artísticas não devem ser deixada sozinhas; têm que "dialogar" para serem "experimentais". O próprio modelo de comissariado artístico aplicado numa Bienal de Arquitectura assim o indicia. Neste caso, todavia, há naturalidade na parceria Souto de Moura/Ângelo de Sousa. Existem antecedentes - é preciso não esquecer a colocação de uma peça escultórica de Ângelo de Sousa na praça do Edifício Burgo, no Porto - e claramente imaginários comuns.

Sob um título com ressonâncias pessoanas, Souto de Moura/Ângelo de Sousa propõem explorar a percepção espacial através do uso de espelhos, dentro de uma tradição artística várias vezes tentada. Conteúdos semânticos à parte, trata-se de uma espécie de neutralização, através de "exercícios" de ilusão, do sentido "físico" e material do espaço que fora a grande conquista moderna e, portanto, a matriz de formação dos autores. Mas não deixam também de exprimir um certo despreendimento que tomou conta da arquitectura quando toca a celebrar-se a si mesma. No entanto, esta é muito provavelmente - ou assim se espera que seja - uma das participações que maior aproximação fazem à "disciplin architectónica".

Souto de Moura/Ângelo de Sousa reagem ao tema lançado pelo comissário-geral da Bienal o norte-americano Aaron Betsky - *Lá Fora: Arquitectura para lá do edificado*. Este terá dito, a certa altura, que arquitectura "é a maneira como pensamos e falamos sobre as edificações, como as representamos, como as construímos". Ou seja, é uma "conversa entre arquitectos". O que em Veneza tem acontecido pouco. Acertadamente, Joaquim Moreno evoca Aldo Rossi e o seu *Teatro del Mondo* no texto do catálogo. É significativo que o faça, uma vez que desde Rossi, isto é, desde 1980, que há um défice de celebração da arquitectura em Veneza. Já a "materialidade" que se depreende nos desenhos de Souto de Moura é tema arquitectónico. Assim como a parafernália que permite construí-la. E se boas conversas entre arquitectos conduzirem a Pavilhão de Portugal, esta terá sido uma das nossas melhores representações.

**Ana Vaz Milheiro**

Crítica de arquitectura